

“Contei-te toda a minha vida errante”: entre a trajetória e a experiência de vida de Ramos “Cotôco” em Fortaleza (1871-1916).

ALBERTINA PAIVA BARBOSA¹

A História Cultural, nos últimos 20 anos, permitiu ao historiador trabalhar com uma maior gama de fontes: jornais, entrevistas, pintura, literatura. Dessa forma novos objetos de pesquisa foram explorados e várias reflexões foram possíveis com o objetivo de entender melhor o passado. A linha de trabalho deste artigo se caracteriza como sendo da História e Literatura, posto que a fonte principal é literária. E ela não será tratada como apenas ilustração, mas como um veículo informante sobre as sensibilidades, impressões, opiniões do escritor que, por meio de linhas poéticas, nos conduz a um período de tempo e de espaço, nesse caso, não muito analisado por outros historiadores. A metodologia empregada aqui concerne na prosopografia e no uso do conceito de experiência coletiva do E. M. Thompson. Utilizo do argumento de Sandra Pesavento, em seu livro *História & História Cultural*;

“Neste cruzamento que se estabelece entre a História e a Literatura, o historiador se vale do texto literário não mais como uma ilustração do contexto em estudo, como um dado a mais, para compor uma paisagem dada. O texto literário lhe vale como uma porta de entrada às sensibilidades de um outro tempo, justo como aquela fonte privilegiada que pode acessar elementos do passado que outros documentos não proporcionam.” (PESAVENTO, 2003: 113)

Para este trabalho, a análise e reflexão sobre as poesias do autor Raimundo Ramos Filho, que será apresentado logo mais, tem como objetivo expor sua trajetória de vida através de seus escritos, auxiliada por uma bibliografia que, apesar de não ser tão vasta, permite-nos compreender sua trajetória e experiência coletiva juntamente com seus contemporâneos de

¹ Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará. Bolsista PROVIC - UECE, com orientação do Professor Dr. Gleudson Passos Cardoso, coordenador do eixo de pesquisa “Práticas Letradas e Urbanidades”, sob a supervisão do Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago, líder do GPESq-CNPq/UECE “Práticas Urbanas”.

época, algumas práticas e vivências sociais de um boêmio fortalezense na penúltima transição secular.

A cidade de Fortaleza, entre os séculos XIX e XX, estava em forte transformação. A ascensão econômica de parte de sua população na década de 1860, com a economia do algodão, abre a capital para as futuras influências culturais européias, advindas principalmente da França.

Contudo, não serão todos que irão tirar proveito dessas mudanças. Uma grande parte da população será excluída e alvo do processo de “disciplinarização” (PONTE, 1999:165). Dessa forma, os menos afortunados teriam que obedecer a regras de convivência dentro desse espaço ou se não o fizesse, deveriam ser punidos (PONTE, 1999: 165). Enquanto isso, os ricos, comerciantes, estudantes, as senhoras de sociedade, entre outros sujeitos também aprendiam a se portar perante seus presentes, controlar seus impulsos, fosse seu ambiente particular ou público (ELIAS, 1994). Diante disso, mudanças estruturais na cidade fortalezense aconteciam e são descritas por Mozar Soriano Aderaldo, no seu livro “História abreviada de Fortaleza” da seguinte forma;

“(...) A capital cearense possuía, ainda, 34 ruas de norte a sul, 27 de leste a oeste, 14 praças, 1607 combustores da pública iluminação a gás, (...). Os principais edifícios do tempo eram o Palácio do Governo, a Assembléia Legislativa e a sede do antigo e querido Liceu do Ceará, (...). (...) a estação Central da Estrada de Ferro, a antiga Secretária da Fazenda (...), a Santa Casa, a cadeia, o Palácio do Bispo, o Colégio Imaculada Conceição, o Seminário (...), o Asilo de Mendicidade (...). E fala, finalmente, dos 23 médicos, 17 advogados, 9 professores de piano, 6 tipografias, 1 litografia, 2 bancos, 2 hotéis, 3 restaurantes, 8 cafés, 6 hospedarias, 14 quiosques, 2 casas de jóias, 3 bilhares, 4 livrarias, 2 casas de pasto, 14 açougues, 14 padarias e 9 farmácias existentes na cidade. (...)” (ADERALDO, 1974: 48-49)

Será nesse ambiente que nascerá Raimundo Ramos Filho, vulgo Ramos Cotôco, em 21 de maio de 1871. Seu pseudônimo se deve a má formação do braço direito, mas isso não o impediu que expusesse sua arte em suas pinturas, poesias e modinhas nas noites boêmias de Fortaleza. Sua família não tinha muitas condições financeiras (ALENCAR, 1984), mas ainda

assim, conseguiu ter acesso a educação da época, soube ler e escrever, dessa forma, desenvolve um olhar diferente entre as diversas pessoas, entre pobres e ricos.

As impressões e experiências citadinas de Ramos Cotôco, críticas aos novos costumes, defesa de velhos hábitos, como o de beber aluá (ANJOS, 2011: 101) foram reunidas em único livro, nomeado de *Cantares Bohêmios*, editado em Fortaleza, em 1906 pela *Empreza Typo-Lithographica*. Em seus poemas, algumas musicadas, ele expõe o testemunho de um personagem que visualiza aquelas transformações de comportamento, da tentativa dos mais abastardos de impor a Fortaleza hábitos urbanos semelhantes a da capital, hostilizando atitudes provincianas, como o ato de sentar na calçada, em prol de se ter um espaço evoluído e civilizado. Fazendo parte de sua trajetória, a pequena obra marca as cenas cotidianas que, diferente de uma visão tradicional, caracterizada como uma *Belle Epoque* cearense, aborda sobre a vida de diferentes personagens, tendo como maioria deles, agentes com menor poder aquisitivo para a época e, portanto, passíveis de exclusão sócio-econômica.

O livro é dividido em duas partes: *Cantares e Bohêmios*. A primeira considerada romântica (PASSOS, 2004: 253), contudo, não muito original, pois como dirá no prefácio Fernando Weyne, boêmio e amigo íntimo do poeta “(...) Dos CANTARES, comquanto não hajam fugido completamente a rotina dos novos...Prometheus(!) soubeste fazer um elegante ramalhete de modestas flores campestres(...)”² A segunda parte, *Bohêmios*, é o conjunto de poemas que destacam o autor, pois seus assuntos são inspirados em situações variadas, tendo como pauta a relação dele com outros indivíduos, como dirá Weber dos anjos;

“De fato, a relação de Ramos Cotoco com pessoas pertencentes aos núcleos populares de Fortaleza é reforçada em vários momentos de sua obra. Sua atenção está voltada aos “tipos populares”, aos detentores de profissões consideradas “subalternas”, “serviçais”, os quais ele reputa sempre como companheiros, referindo-se a eles como sua preferência.” (ANJOS, 2011:57)

Dessa forma, temos um homem que com sua arte poética, desenvolverá seu papel social, este, de acordo com Antônio Cândido, em sua obra *Literatura e Sociedade*;

² Prefácio do livro *Cantares Bohêmios* escrito por Fernando Weyne em 1906, a pedido do autor, Ramos Cotôco.

“(…) quer dizer que o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e o especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma de sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre o criador e o público.” (CÂNDIDO, 2000: 67-68)

Destaca-se que o papel social desse autor é resultado de uma dupla experiência, abordado nesse aspecto na visão de Thompson, o qual afirma que através das relações produtivas, ações conscientes são tomadas e tornam-se prática, esta que pode ser posta como de necessidade, de interesse, até antagônica (THOMPSON, 1981: 182). Logo, tendo em vista que a sua vida enquanto habitante de sua cidade, mesmo que o próprio seja parcialmente excluído e alvo da “disciplinarização” proposta pelos mais abastardos, ele aparenta não deixar de realizar atitudes que estavam indo contra a nova moral da época, sendo esses representados pelos códigos de postura (1904). A sua segunda experiência tem como explicação a sua participação nas rodas de boemia, pois ele e outros de seus amigos boêmios, mesmo sabendo que suas atitudes iriam contra a índole dos agentes controladores (policiais e governantes), alimentavam o elo de suas afinidades pelas noites fortalezenses, entre rodas festivas regadas a poesias e a Cumbe, atual cachaça. O autor comporta, dessa forma, atitudes antagônicas perante as autoridades oficiais, tanto como indivíduo quanto como em grupo.

Ramos “Cotôco” consegue exercer esse papel, possivelmente, com o intuito de mostrar não só a parte da sociedade que lhe parecia caber: a parte considerada excluída. Formada por homens e mulheres pobres, que não possuía um ofício, bêbados, vagabundos, mulheres pobres e que trabalhavam para ganhar o pouco que lhe sustentavam; mais também de adicionar a visão de um agente ativo dentro de seu grupo, que sendo uma exceção por saber ler e escrever consegue se posicionar diante daquelas mudanças, com suas críticas, ironias. Dividia suas experiências com essas pessoas diariamente, ao pegar um transporte, a ir a um pequeno comércio e reclamar do aumento do pão, de ironizar os mais ricos por sua arrogância e preponderância. Ele se destaca nesse meio, pois é uma espécie de porta-voz daqueles que não eram tidos como assuntos inspiradores para outros grandes intelectuais de

sua época, que, aparentemente, tinham atenção para as descobertas e novidades vindas do exterior.

Ramos era diferente. Inspirações para seus poemas não faltavam em seu cotidiano, como exemplo, o descuido com o transporte que a ala rica fortalezense tinha com os menos afortunados, pois ele mesmo sofreu com o descaso dos carros em más condições puxados por animais, diante de tal questão, o autor vê, interpreta e representa a sua maneira, podendo o problema ser lido em um trecho do poema “D’ÊSTA!NÃO S’IMPORTE, NAO!”;

“Que tem você que o tal bonde

Vire e mate a lotação?

Deixe esses patos sentirem,

Ai! Não tenha compaixão;

Que elles morram ou que vivam

D’está! Não s’importe, não!”

A outra metade de sua experiência tem relação direta com as rodas boêmias as quais Ramos participava. Tinha seu ponto de encontro nos cafés da Praça do Ferreira e em outro, em especial, o café de Pedro Eugênio, localizado no Benfica, que de acordo com citação de Otacílio Azevedo no artigo de Rubens Azevedo na Revista do Instituto do Ceará Histórico, Geográfico e Antropológico, teria ocorrido um “pré-lançamento” dessa forma:

*“Em 1906, ao se deitar certa noite, ouviu que estavam cantando em frente ao seu quiosque, mas o seu enfado e sono eram tão grandes que não teve coragem de se levantar para abrir o café. Ferrou no melhor sono deste mundo. Manhã cedo, quando foi abrir o café, verificou, assombrando, que a porta havia sido aberta á força. Constatou surpreso, que, sobre uma das mesas de mármore branco havia um livro de poesias e muitas quadras estavam escritas a lápis na mesa, todas assinadas com o nome dos respectivos autores: Raimundo Ramos, Fernando Weyne, Quitinho Cunha, Virgílio Brandão, Amadeu X. de Castro, Carlos Severo, Carlos Gondin- todos poetas e músicos Mamede Cirino, Elesbão, Abel Canuto e Pompílio. O livro de poesias era **Cantares Boêmios**, de Raimundo Ramos, mais conhecido como Ramos Cotoco.” (AZEVEDO, 2004: 59)*

Dessa forma, pelo modo prosopográfico, segundo Stone, seria o estudo das características comuns a um grupo por meio de um estudo coletivo de suas vidas, dessa forma, é possível perceber a sintonia de atitudes como o gosto pela vida noturna. É correto afirmar que esses grupos não eram bem vistos pela população mais abastada da cidade, tendo em vista que a movimentação a noite de homens com seus violões eram tidos como movimentos de algazarra e de ameaça aos bons costumes. Todavia, tantos outros continuaram com suas atitudes de boêmia por longo tempo. O destaque dado a esses grupos boêmios não era só porque saíam a noite em horários considerados pouco convenientes, mas o que faziam enquanto unidos. Escrever poesias, modinhas e outras letras de canções deveriam ser divertidos para eles, contudo, o que expunham no papel era importante, pois como a exemplo do nosso autor, não era algo tão aleatório, mas inspirados em um cotidiano que alimentava sentimentos que variam entre a ironia e revolta por a vida estar sendo do jeito que fosse e pela alegria de poder beber um aluá ou comer um cará preparado de maneira artesanal. Além disso, temos as serenatas preparadas de maneira romântica para aqueles amores venerados e, todavia, impossíveis (AZEVEDO, 2004).

Ramos, tendo por profissão de pintor, esteve em contato com o lado religioso católico da cidade, pintando o teto com a imagem de Nossa Senhora do Carmo entre os anos de 1903 e 1904, tendo como ano oficial de inauguração do recanto religioso o ano de 1906³; com a realidade dos homens ricos da cidade, pondo em prática seu ofício no Theatro José de Alencar “(...) Vivem, como fossem pintados ontem, em plena pujança e vigor (...), as belíssimas alegorias que emolduram os retratos de Carlos Gomes e José de Alencar” (AZEVEDO, 2004:61). Possivelmente, este contato também o permitiu refletir sobre as diferenças entre a vida de indivíduos que tinham contrastantes condições sócio-financeiras. Em algumas de suas poesias, ele faz essas comparações, como no caso de “Meu gosto”⁴ e “Passeio Público”⁵. Segue alguns trechos, respectivamente:

“Emquanto os ricos namoram

Com senhoras ilustradas,

³ Prefácio escrito por Gilmar de Carvalho, na reedição do Cantares Bohêmios, no ano de 2006.

⁴ “Meu gosto” IN: Ramos, Raimundo. Cantares Boêmios- Fortaleza: Typo-Lithographica a Vapor, 1906, p.157.

⁵ “Passeio Público” IN: Ramos, Raimundo. Cantares Boêmios- Fortaleza: Typo-Lithographica a Vapor, 1906, p.137.

Eu satisfaço o meu gosto:

Vou namorando as criadas.

(...)

Elles nos salões doirados

Entreteem suas Marocas,

Eu, na treva, mergulhado,

Vou matando as muriçocas.

Porém se elles amam.

Eu amo tambem;

Não invejo a sorte

Feliz, de ninguém!

Na sala ha cadeiras,

Ornamentação;

No quintal, canecos,

Barricas, caixão.

(...)”

“Passeio Publico”:

“ (...)

Apenas, chegando,

Vou á Caio Prado,

Avenida bella,

Do povo educado

Do luxo e namoro

Dos typos pedantes

Que procuram ouro

E sêda e brilhantes:

(...)

Depois de um calix de Cumbre,

Ou coisa mais agradável,

Me estendo p'ra Mororó,

Que é avenida impagável:

Das saídas de chita,

Criadas faceiras,

Bando de meninas,

Risadas, carreiras,

Ampla liberdade

Do povo contente

E onde se vêem

No meio da gente;

(...)"

E por que isso faria parte de sua trajetória de vida em Fortaleza? De acordo com Cândido “O poeta (isto é, o personagem que fala na primeira pessoa) narra uma experiência pessoal, que adquire sentido genérico à medida que ele passa da emoção a uma concepção de vida.” (CANDIDO, 2000:53). Diante de tal afirmação, é possível refletir sobre a trajetória de Ramos Cotôco composta de experiências de vida sua e de outras que ele, possivelmente, possa ter visto e convivido. E quais seriam essas experiências? Em suas poesias ele descreve como sendo variadas, que iriam desde questões amorosas, nas poesias “viver” “e’ bom não confiar”, quando expõe os problemas de viver um relacionamento; questões econômicas, como na poesia “3%”, abordado do aumento nos preços dos alimentos no Ceará entre os anos de 1900 e 1905; e de cunho social como é visto em “bonde”, quando ele trata das questões de se andar em um transporte mal-cuidado e que representaria um perigo a população transeunte. A concepção de vida que o autor de “Cantares Bohêmios” aparenta passar ao leitor atual, se baseia no dilema entre está ou não enquadrado em novos padrões ditados, nesse caso,

inspirados aos moldes franceses de comportamento, vestimenta, entre outros quesitos. Sua trajetória é diferente, porque em momentos se questiona, não com ar revoltoso, de sua vida e a dos outros ser do jeito que é. Suas afirmações não possuem um caráter ficcional forte, pois, acredita-se, são baseadas em sua realidade vivida. O tom irônico em suas frases teria como base, possivelmente, a dicotomia entre o fato de ser pobre ser sinônimo de dor e sofrimento e não de poder ser alegre e satisfeito com que tinha ou como teria nascido. Mas ele era feliz como era, mostrou isso em seus escritos e, deve ter exposto também, em seus momentos de boêmia, tendo que diariamente vencer dificuldades impostas por inúmeras situações. Doou ao leitor a visão da parte da cidade que gostava, que freqüentou, que gostaria que melhorasse e também nos entregou outra, carregada de alguns novos preconceitos advindos do exterior, com novas regras e modos de convivência.

Rubens Azevedo, utilizando-se de obras como a História da Literatura Cearense, que Raimundo Ramos participara da Academia Rebarbativa, mais especificamente, como escritor de um possível órgão desse grupo, o Ceará-Revista. Teria tido contato com Carlos Severo, Ramos Neto, entre outros personagens importantes de Fortaleza. Tem-se, diante disso, um homem humilde que, tendo acesso certo grau de educação, soube utilizar de forma artística e social, de certa forma, as suas poesias e letras musicais. Além disso, no ano de 1906, o Ceará se destaca pelo lançamento de obras como a de Júlio Olímpio, Crepúsculo; Elegia, de Álvaro Bomílcar; Loucuras, do amigo de Ramos, Fernando Weyne, entre outros, inclusive a edição e lançamento oficial de Cantares Bohêmios.

Raimundo Ramos Filho, por motivos que não se sabe ao certo, alguns dizem ter sido por problemas no fígado, morreu cedo, aos 45 anos de idade, em 1916, morando com a sua segunda companheira. Contudo, nos deixou suas poesias, que por mais simples, nos permitem visualizar uma Fortaleza pouco divulgada por grandes intelectuais da época, colocando em pauta o descaso cotidiano com que grande parte da população convivia, suas impressões sobre aquelas pessoas e ao mesmo tempo as alegrias e tristezas de ser como era: um boêmio que gostava de sua terra, “(...) Foi um brilhante que esse lapidou a si mesmo e o seu nome resistirá, como um sol, às intempéries do tempo.” (AZEVEDO, 2010: 319).

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

10

Referências bibliográficas:

ADERALDO, Mozart Soriano. **História abreviada de Fortaleza**. Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1974.

ALENCAR, Edigar de - **Variações em tom menor**. Edições UFC: Fortaleza, 1984.p. 41-47.

ANJOS, Weber dos. **Ramos Cotoco e seus “Cantares Bohêmios”**. SECULT. Ceará, 2011.

AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza Descalça**. SECULT. Fortaleza, 2010.

AZEVEDO, Rubens de. **Raimundo Ramos Filho (Cotoco)** IN Revista do Instituto Histórico do Ceará, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Publifolha. São Paulo, 2000.

ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador**. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1994.

Gleudson Passos. **“Bardos da Canalha, Quaresma de Desalentos”: Produção Literária de Trabalhadores em Fortaleza na Primeira República**. 2009. 181 f. Tese (doutorado em História). Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

MARTINS, Suely Aparecida. **As contribuições teórico-metodológicas de E. P. Thompson: experiência e cultura**. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Florianópolis, Vol. 2, n. 2, p. 113-126, 2006*.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Autêntica, Belo Horizonte, 2003.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. Fundação Demócrito Rocha. Fortaleza, 1999.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

———— Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013 ————

ANPUH
BRASIL